

Sobre o autor:

Abdullah Öcalan nasceu em 1949. Estudou Ciência Política em Ankara. Liderou a luta de libertação curda como líder do PKK (Partido dos Trabalhadores do Curdistão) desde a sua fundação, em 1978, até seu sequestro e prisão no dia 15 de fevereiro de 1999. Atualmente, segue sendo considerado um importante estrategista e um dos representantes políticos mais importantes do povo curdo.

Em sua condição de isolamento na prisão na ilha de Imrali, Öcalan escreveu mais de dez livros que tem revolucionado a política curda. Em muitas ocasiões iniciou “cessar-fogo” unilaterais da guerrilha e

apresentou propostas construtivas para a solução política à questão curda.

O recente “processo de paz” que começou em 2003 surgiu em face de uma petição de Öcalan ao Estado turco para resolver politicamente a questão curda. Desde o dia 5 de abril de 2015 encontra-se mantido novamente em completo isolamento na prisão da ilha de Imrali, logo após que os dirigentes do Estado turco decidiram iniciar uma nova guerra total contra o povo curdo nas montanhas do Iraque, no norte da Síria e em todo o sudeste da Turquia, sob o pretexto de intervir na guerra contra o terrorismo.

Introdução de Iniciativa Internacional:

Este texto de Abdullah Öcalan foi originalmente editado como o terceiro de uma série de livretos elaborados pela Iniciativa Internacional. A série é um compilado de diferentes textos escritos por Abdullah Öcalan que oferecem um resumo de suas posições com respeito à temas específicos.

Antes de seu sequestro e encarceramento, em 1999, já haviam sido publicados vários livros que tomavam como base seus discursos sobre sexo e gênero, dentre eles, três volumes de Nasıl yaşamalı? (Como viver?). O título de um livro de suas entrevistas, Erkegi öldürmek (Matar ao macho), converteu-se em um lema muito popular entre os curdos. Öcalan foi responsável pela criação de vários slogans como “um país não pode ser livre se as mulheres assim não forem”, redefinindo a libertação nacional, em primeiro lugar, como a libertação das mulheres. Em seus escritos da prisão, a libertação das mulheres é citada com frequência em seus discursos sobre história, sociedade contemporânea e o ativismo político. Este folheto é uma compilação com partes sobre este tema na obra de Öcalan, especialmente nos mais recentes e nos que ainda não haviam sido traduzidos.

Seu ponto de vista sobre o “socialismo real” e seu próprio trabalho teórico e prático desde a década de 1970 levaram Öcalan à conclusão de que a escravidão das mulheres foi o germen de todas as outras formas de escravidão. Isto, acredita, não se deve a que a mulher seja biologicamente diferente ao homem, mas por ter sido a fundadora e líder do sistema patriarcal neolítico.

Abullah Öcalan não é somente um teórico, é o líder de um movimento que não luta apenas pela liberdade do povo curdo, mas, também, para encontrar respostas à pergunta de como fazer com que a vida tenha sentido, como vive-la significativamente. É por esta razão que seus textos geram tanto impacto na vida de tantas pessoas.

Preocupou-se sempre pela questão da libertação das mulheres, especialmente a partir da luta do povo curdo. Com a sua crítica ao patriarcado animou e inspirou às mulheres do movimento curdo, as quais se somaram à luta contra a dominação machista. Suas contribuições abriram caminho a grandes avanços neste campo.

Durante muitos anos destacou-se não só a importância de superar os papéis atribuídos às mulheres e homens, mas, também, fomentou-se e apoiou-se o desenvolvimento de movimentos e instituições de mulheres para que elas pudessem questionar suas vidas, aos homens e a sociedade, reconstruindo-se a si mesmas. Assim, à par da luta de libertação curda, no Curdistão, a participação das mulheres incrementou-se de forma atípica em todos os âmbitos da vida. De fato, a destacada vitalidade e dinamismo do movimento das mulheres no Curdistão quase sempre surpreendem ao observador que não espera que isto aconteça numa região do mundo que é extremadamente patriarcal.

Assim foi como surgiu a ideia de um livreto especial sobre a questão da libertação das mulheres.

1. Prólogo:

Sempre me interessei pela questão da liberdade das mulheres. Em um princípio, considerava que a escravidão das mulheres no Oriente Médio e, de modo geral, era resultado do atraso feudal. Após muitos anos de prática e investigação revolucionária cheguei à conclusão de que o problema é muito mais profundo. A história de 5000 anos de civilização é essencialmente a história da escravidão das mulheres. Por conseguinte, só se obterá a liberdade da mulher quando lutarmos contra os pilares do sistema de dominação imperante.

Uma análise da civilização dominante mostrará claramente como a liberdade foi progressivamente lastrada na escravidão. Esta “civilização dominante” se transmite desde a Suméria até Acádia, da Babilônia a Assuar, da Pérsia até a Grécia, Roma, Bizâncio, Europa e finalmente aos Estados Unidos. No decorrer da história desta civilização, a escravidão tem sido perpetuada em três níveis: em primeiro lugar, se estabelece a escravidão ideológica (de forma curiosa as, no fim, compreensíveis, foram inventadas deidades mitológicas temíveis e dominantes); depois vem o uso da força e, finalmente, a apropriação da economia.

Este desenvolvimento da sociedade em três estratos fica perfeitamente ilustrado nos zigurats, os templos do Estado sacerdotal sumério. Nos níveis superiores dos zigurats é onde habita o deus que controla a mente. Nos andares médios, localizam-se os quarteis gerais políticos e administrativos dos sacerdotes. Finalmente, os andares mais baixos são ocupados pelos artesãos e os trabalhadores agrícolas obrigados a trabalhar em todos os tipos de tarefas. Essencialmente, este modelo tem sido mantido até os dias atuais. Deste modo, uma análise do zigurat como análise da continuidade do sistema da civilização dominante nos permite analisar o sistema-mundo capitalista atual desde suas bases reais. A acumulação contínua de capital e poder são só uma face da moeda. A outra face é a terrível escravidão, a fome, a pobreza e a coerção em uma sociedade vulgar.

A civilização central, dada a natureza do seu sistema de funcionamento, só é capaz de se manter privando a sociedade de liberdade e assegurando que esta possa ser dirigida como um rebanho. Isto se obtém aumentando o capital e os instrumentos de poder, provocando o crescimento da pobreza e incentivando a mentalidade de rebanho. De fato, que a questão da liberdade seja a questão cave de todas as épocas se deve, em muito, à natureza do sistema.

A história da perda da liberdade é, ao mesmo tempo, a história de como a mulher perdeu sua posição

e desapareceu da história (do processo histórico). É a história de como o macho dominante, com todos os seus deuses e servos, governantes e subordinados, sua economia, ciência e arte, conseguiram o poder. A queda e a perda das mulheres são, por tanto, a queda e a perda de toda a comunidade, dando espaço ao surgimento de uma sociedade sexista. O homem machista tem tanto interesse em estabelecer seu domínio social sobre as mulheres que transforma qualquer contato com ela em uma amostra e um espetáculo de dominação.

A magnitude da escravidão da mulher e sua intencional ocultação estão, por tanto, intimamente relacionada com o crescimento do poder hierárquico e estatista dentro da sociedade. À medida que a mulher se habitua à escravidão são estabelecidas hierarquias (no sentido grego de *ἱεραρχία* ou *hierarkhia*, “governo do máximo sacerdote”) e fica assim traçado o caminho a escravidão à outros setores da sociedade. A escravidão dos homens vem depois da escravidão das mulheres. A escravidão de gênero difere em algumas questões daquela que se dá em face da classe ou nação. Sua legitimação é obtida por meio da repressão especializada e intensiva, combinada com mentiras que manipulam as emoções. As diferenças biológicas entre os corpos femininos e masculinos são usadas como justificativa para a sua escravidão. Todo o trabalho realizado se dá como óbvio e é denominado de forma desonrosa como “trabalho das mulheres”. Considera-se que a sua presença na esfera pública está proibida pela religião e é moralmente vergonhosa afastando-a progressivamente de todas as atividades sociais importantes. A medida que aumenta o poder dominante das atividades políticas, sociais e econômicas assumidas pelos homens, a fragilidade das mulheres é mais institucionalizada. Deste modo, a ideia de “sexo frágil” se estende como uma crença geral, compartilhada.

De fato, a sociedade trata a mulher não só como um sexo biologicamente diferente, mas, como uma raça, nação ou classe separada; a raça, nação ou classe mais oprimida. Nenhuma raça, nação ou classe está submetida a uma escravidão sistemática como as donas de casa.

A decepção que se experimenta após o fracasso de qualquer luta, seja pela liberdade, igualdade ou uma luta democrática, ética, política ou se classe, leva a marca da luta originária pela relação de poder, a relação entre homens e mulheres. Desta relação surgem todas as formas de relação que fomentam as desigualdades, a escravidão, o despotismo, o fascismo e o militarismo. Se queremos dar o verdadeiro significado às palavras como liberdade, igualdade, democracia e socialismo,

tão comumente usadas, devemos analisar e dividir a acabar com rede de relações que foi tecida ao redor das mulheres. Não existe outra forma de se obter uma igualdade real (com suficiente espaço para a diversidade), liberdade, democracia e ética verdadeiras.

Contudo, a qualificação sem ambiguidades do status das mulheres não é só um aspecto da questão. Muito mais importante é a questão da libertação; em outras palavras, a solução do problema vai mais além da importância da sua denúncia e sua análise. A questão mais promissora do atual caos do sistema capitalista é (por mais que seja limitada) a denúncia do status das mulheres. Durante os últimos 25 anos do século XX, o

feminismo conseguiu (ainda não de forma suficiente) divulgar a verdade sobre as mulheres. Em épocas de caos, a possibilidade da mudança de qualquer situação o fenômeno aumenta em consonância com o nível exequível do progresso ou ilustração, por isso, em tais momentos, os pequenos passos em direção à liberdade podem converter-se em grandes saltos para frente. A liberdade das mulheres pode resultar na grande vencedora da atual crise. Tudo o que a mão humana construiu, pode ser demolido por ela mesma. A escravidão das mulheres não são uma lei natural ou um destino. O que precisamos é uma de uma teoria precisa, programas, organização e os mecanismos para desenvolvê-las.

2. A revolução das mulheres: a era neolítica

O patriarcado não existiu sempre. Existem muitas evidências que demonstram que em milênios anteriores ao crescimento da civilização estatista, a posição das mulheres na sociedade era muito diferente. Sem dúvidas, era uma sociedade matriarcal: construída ao redor das mulheres.

No sistema Zagros-Taurus na sociedade mesolítica e, posteriormente, na neolítica, começaram a se desenvolver no fim do quarto período glacial, aproximadamente há vinte mil anos. Esta sociedade deslumbrante, com suas ferramentas avançadas e seus sofisticados sistemas de assentamento, estava muito mais desenvolvida que a anterior sociedade de clãs. Este período constituiu uma época deslumbrante na história da nossa natureza social. Muitos dos avanços que ainda permanecem pertencem à aquele período histórico: a revolução agrícola, a sedentarização das sociedades e a fundação de povoados, as raízes do comércio e da família centralizada na figura da mãe, assim como as tribos e as organizações tribais.

Muitos dos métodos, ferramentas e equipamentos que usamos atualmente tem origem nas invenções e descobrimentos provavelmente feitos pelas mulheres nesta era, como a utilização de plantas de forma curativa, a domesticação de animais, o cultivo das plantas, a construção das casas, os princípios da nutrição infantil, a enxada, o amolador e, quem sabe, inclusive, o carro de boi.

Para mim, o culto à Deusa-mãe desta época simboliza a reverência que se tinha ao papel da mulher quanto aos grandes avanços. Não vejo isso como uma deificação de uma fertilidade abstrata. Ao mesmo tempo, a hierarquia embasada na figura da mulher-mãe é a raiz histórica do conceito de mãe, pelo que todas as sociedades ainda respeitam e reconhecem a mãe como uma autoridade. Existe esta autoridade porque a mãe é

o elemento principal da vida, que dá a luz e mantém a vida a través da criança (educação), inclusive sob as mais adversas condições. Por tanto, toda a cultura e hierarquia embasada neste reconhecimento tem que reverenciar a mulher. A verdadeira razão da longevidade do conceito de mãe é o fato de que concretamente a mãe forma a base do ser social, do humano; y não simplesmente a capacidade abstrata de parir.

Durante o período neolítico, se cria ao redor da mulher uma ordem social completamente comunitária denominada “socialismo primitivo”. Esta ordem social não se assemelha à nenhuma das práticas que são impostas pela ordem estatal. Contudo, existiu durante milhares de anos. Esta ordem duradoura foi a que deu forma à consciência social coletiva da humanidade; e nosso eterno desejo de recuperar e imortalizar esta ordem social de igualdade e liberdade que nos leva a criar a ideia de paraíso.

O socialismo primitivo caracterizado pela igualdade e a liberdade, foi viável porque a ética social da ordem matriarcal não permitia a propriedade, que é o principal fator do aumento da divisão social. A divisão sexual do trabalho, outra questão relacionada com a divisão social, não estava ainda embasada na propriedade y nas relações de poder. As relações privadas dentro do grupo não ainda haviam se desenvolvido. Os alimentos recolhidos ou caçados pertenciam a todos e todas. As crianças pertenciam ao clã. Nenhum homem ou mulher era propriedade privada de alguém. Em todas estas questões, a comunidade, que era ainda pequena, não tinha uma grande capacidade de produção, tinha uma cultura ideológica e material solida. Os princípios fundamentais que mantinham a sociedade eram a solidariedade e compartilhar: a propriedade e a força como perigos que ameaçavam a vida poderiam obstaculizar a manutenção desta cultura.

À diferença da sociedade dominante, a relação da sociedade neolítica com a natureza se mantinha os termos da cultura ideológica e material por meio da adoção de princípios ecológicos. A natureza se considerava um organismo vivo e animado, não como uma entidade separada. Esta consciência da natureza fomentava uma mentalidade que reconhecia nela uma multidão de santidades e divindades. Podemos chegar a uma melhor compreensão da essência da vida coletiva se reconhecemos que estava embasada na metafísica da santidade e da divindade, partindo da reverência à figura da mulher-mãe.

O que precisamos entender é como e por que foi possível acabar e substituir o sistema matriarcal na era neolítica.

Desde os agrupamentos sociais mais antigos houve tensão entre a coleta de alimentos pela mulher e a caça realizada pelos homens, tendo como resultado duas evoluções culturais distintas desenvolvidas na sociedade.

Na sociedade matriarcal o produto do excedente, por mais que fosse limitado, era acumulado. Foi a origem do início da economia, não como conceito mas em relação à sua essencial, donde encontramos as raízes dos diferentes tipos de economia, tais como a economia capitalista e a economia de oferta (*gift economy*). Era a mulher, a alimentadora, quem controlava o excedente. Mas, o homem, provavelmente desenvolvendo melhores técnicas para a caça, melhorou sua posição social atingindo um status mais elevado e reuniu um séquito ao seu redor. O “ancião” e o Xamã que antes não faziam parte do grupo dos homens fortes uniram-se a ele e ajudaram na construção da ideologia do domínio machista. Assim, pretendiam desenvolver um movimento muito sistemático contra às mulheres.

Na sociedade matriarcal na Era Neolítica não haviam hierarquias institucionalizadas, agora, começavam a ser lentamente introduzidas. A aliança do homem (caçador) com o experiente ancião e o xamã foi um passo importante. O controle ideológico que se estabeleceu a partir de uma aliança masculina sobre os jovens atraídos ao seu círculo fortaleceu a sua posição na comunidade. É importante considerar a natureza do poder adquirido pelo homem. Tanto a caça como a defesa do clã contra os perigos exteriores estava embasado

na ação de matar e ferir algo ou alguém, por tanto havia características militares. Este foi o princípio da cultura da guerra. Em uma situação de vida ou morte, deve-se respeitar a autoridade e a hierarquia.

A comunalidade é o pilar sobre o qual se erguia a hierarquia e o poder do Estado. Originalmente o conceito de hierarquia estava ligado ao governo dos sacerdotes e a autoridade, aos anciãos sábios. Em suas origens tinha uma função positiva. Em uma sociedade natural, poderíamos inclusive considerar a hierarquia como algo benéfico, como um protótipo da democracia. A mulher-mãe e os anciãos sábios garantiam a segurança da comunidade e a administração da sociedade, eram necessários e úteis, elementos fundamentais na sociedade que não estava embasada na acumulação e na propriedade. A sociedade respeitava-os de forma voluntária. Mas, quando a dependência voluntária se transforma em autoridade e a utilidade em interesse próprio, surge sempre um inapropriado instrumento de força.

O instrumento de força se oculta por trás da segurança comum e a produção coletiva. Isto constitui o núcleo de todos os sistemas de exploração e opressão. É a mais sinistra criação já inventada. A criação que propiciou todas as formas de escravidão, mitologia e religião; toda forma de aniquilação e saqueio sistemáticos.

Sem dúvida, havia razões internas para a desintegração da sociedade neolítica, mas o fator principal foi a sociedade estatal sagrada dos sacerdotes. As lendas das civilizações originárias da Baixa Mesopotâmia e do Nilo confirmam isso. A desenvolvida cultura da sociedade neolítica combinada com as novas técnicas de irrigação artificial proporcionaram o produto excedente requerido para o estabelecimento dessa sociedade. Foi principalmente por meio da posição e poder recém-adquiridos pelo homem que a sociedade urbana se formou em torno ao produto excedente, organizando-se assim o Estado.

A urbanização significou mercantilização. O resultado foi o comércio. O comércio se filtrou nas veias da sociedade neolítica em forma de colônias. A mercantilização, o valor do câmbio e a propriedade cresceram exponencialmente, acelerando deste modo a desintegração da sociedade neolítica.

3. A primeira grande ruptura sexual.

Seguindo a essência do esquema *revolução contrarrevolução* do materialismo histórico, agora que sejam denominados os pontos de inflexão na história da relação entre os sexos como

ruptura sexual. A história já viu duas destas rupturas e eu prevejo que outra está chegando.

Em épocas sociais anteriores à civilização a força organizada do “homem forte” existia com o único

propósito de caçar animais e defender-se contra o perigo externo. Era esta força organizada a cobiçada pelo clã familiar, estabelecida pela mulher como produto de seu trabalho emocional. O controle do clã familiar constituiu a primeira organização importante da violência. Foi usurpado neste processo a própria mulher, seus filhos e familiares, e toda a sua acumulação cultural, material e ética. Foi a pilhagem da economia primária, da economia domiciliar. A força organizadora do protosacerdote (xamã), o ancião com experiência e o homem forte se aliaram para formar o primeiro e mais longo poder hierárquico patriarcal, o governo sagrado. Pode-se observar isto em todas as sociedades que estão em um estágio similar: até a etapa de classe, cidade e Estado, esta hierarquia domina a vida social e econômica.

Na sociedade suméria por mais que o equilíbrio houvesse se voltado gradualmente contra a mulher, os dois sexos eram mais ou menos iguais até o segundo milênio a.C. Os numerosos templos para as Deusas e os textos mitológicos deste período indicam que entre os anos de 4000 à 2000 a.C. a influência da cultura da mulher-mãe nos sumérios, que constituíam o centro da civilização, estava no mesmo nível que o homem. Até então, jamais havia existido uma cultura que desonrava ou envergonhasse a mulher.

Desta forma, observamos o início de uma nova cultura que desenvolve sua superioridade sobre o culto da mulher-mãe. O desenvolvimento desta autoridade e hierarquia antes do início da sociedade de classes constituiu um dos pontos de inflexão mais importantes da história. Esta cultura é qualitativamente diferente da cultura da mulher-mãe. A coleta e, mais afrente, o cultivo eram os elementos predominantes na cultura da mulher-mãe. São atividades pacíficas e que não requerem ações de guerra. A caça, a qual os homens se dedicam predominantemente, está apoiada na cultura de guerra e na autoridade violenta.

É compreensível que o homem forte, que tem como papel principal a caça, cobiçara a acumulação da ordem matriarcal. Estabelecer o seu domínio lhe daria muita vantagens. A organização do poder que obtinha por meio da caça lhe dava agora a oportunidade de governar e estabelecer a primeira hierarquia social. Este desenvolvimento constituiu a primeira utilização maliciosa da inteligência analítica que, posteriormente, fez-se algo sistêmico. Ademais, a transição do culto sagrado à mãe ao do culto sagrado ao pai permitiu que a inteligência analítica fosse disfarçada de santidade.

Por tanto, a origem dos nossos graves problemas sociais encontra-se nas sociedades patriarcais que se converteram em sociedades de culto, ou seja, religiosas, ao redor do homem forte. Com a escravidão das mulheres o caminho estava traçado levando à escravidão de crianças e, inclusive, outros homens. Enquanto os homens ganhavam experiência com a acumulação de valores obtidos por meio do trabalho de seus escravos (especialmente acumulando excedentes), seu con-

trole e domínio sobre os estes aumentou. O poder e a autoridade fizeram-se cada vez mais importantes. A colaboração entre o homem forte, o ancião com experiência (sábio) e o xamã para formar um setor privilegiado teve como resultado um núcleo de poder difícil de combater. Neste núcleo, a inteligência analítica desenvolveu uma narrativa mitológica extraordinária para governar as mentes e o senso comum das pessoas. No mundo mitológico criado para a sociedade suméria (e transmitido a través da história por meio de algumas adaptações) exalta-se o homem até o ponto de deificá-lo como o criador do céu e da terra. Enquanto que a divindade e a sacralidade das mulheres são reduzidas e, logo, eliminadas. A ideia do homem como governante e poder absoluta permeia toda a sociedade. Deste modo, por meio de uma densa rede de narrativas mitológicas, cada aspecto da cultura se converte na relação entre o governante e o governado, criador e criatura. Engana-se a sociedade para que esta interiorize o mundo mitológico até o ponto em que gradualmente se converte na versão dominante e aceita. Logo transforma-se em religião, construindo o conceito de que existem diferenças radicais entre as pessoas. Por exemplo, a divisão de classes é refletida na história da expulsão de Adão e Eva do paraíso condenando-a a servidão. Esta lenda outorga aos governantes-deuses sumérios o poder criativo, enquanto que os súditos são apresentados como serviçais.

A mitologia suméria conheceu a história da criação a partir da costela de um Deus antropomórfico, mas foi a deusa Ninhursag quem desempenhou o ato da criação para salvar a vida do Deus masculino Enki. Com o tempo, a história foi mudada para beneficiar ao homem. Os elementos repetitivos de rivalidade e criatividade nos mitos de Enki e Ninhursag-Inanna tinham a dupla função de, por um lado, degradar as mulheres e diminuir a importância da sua criatividade anterior e, por outro lado, simbolizar a formação de um ser humano que não é mais do que um escravo e serviçal. Acredito que esta concepção dos sacerdotes sumérios influenciou e tem relação com os subsequentes dilemas que se relacionam entre Deus-serviçal. Determinar a verdade disto é vital, não obstante, a literatura religiosa, como os refrãos, se abstém de fazê-lo, ou afasta tal noção diretamente. Será por isso que os teóricos sentem a necessidade de dissimular a verdade e daí vem os interesses na questão?

As identidades divinas desenhadas na sociedade suméria são o reflexo da nova visão da natureza e dos novos poderes sociais; mais do que isso, desdobram-se com o propósito de condicionar novamente as mentes. Conjuntamente com a influência minguante da dimensão natural, a dimensão social ganha importância; a influência das mulheres diminui gradualmente e dão-se fenômenos e desenvolvimentos surpreendentes na classificação dos seres humanos como súditos, como servos. Enquanto que o crescente poder político

na sociedade tem como resultado a preeminência de alguns dos deuses, também repercute na perda de algumas identidades e uma mudança significativa na forma de outras. Deste modo, o poder absoluto do monarca, durante a primeira etapa da Babilônia, se reflete na acessão do Deus Marduk. Esta última fase da mitologia suméria indica que alcançou-se o limiar do nascimento das religiões monoteístas.

Numa ordem social como esta, onde o homem era proprietário das crianças, o pai desejava ter tantas crianças quantos fossem possíveis (especialmente do sexo masculino) assim obteria mais poder. O domínio das crianças lhe dava a chance de se apropriar da acumulação da mulher-mãe: o sistema da propriedade estava criado. Junto da propriedade coletiva do Estado sacerdotal, a propriedade privada da dinastia ficava estabelecida. A propriedade privada também precisava do estabelecimento de direitos quanto à paternidade: requeria-se que a herança pudesse ser transferida (principalmente) aos filhos varões.

Desde o ano 2000 a.c. em diante esta cultura se estendeu muito. O status social da mulher foi radicalmente alterado. A sociedade patriarcal havia alcançado a força para se converter num governo legendário. Enquanto que o mundo o macho era exaltado e este se transformava em herói, tudo o que fosse feminino era rebaixado, vilipendiado, perdendo seu valor.

Esta ruptura sexual foi tão radical que teve como resultado a mudança na mais significativa da história na vida social: o que diz respeito ao valor das mulheres na cultura do Oriente Médio. Podemos chamar esta mudança de primeira grande ruptura sexual ou contrarrevolução. Vou chama-la de contrarrevolução

porque não contribuiu em nada no desenvolvimento positivo da sociedade, muito pelo contrário, conduziu à extrema pobreza da vida ao estabelecer a dominação total em um patriarcado rígido que provoca a exclusão das mulheres. Esta ruptura na civilização do Oriente Próximo é provavelmente o primeiro passo em direção à situação de decadência progressiva, já que as consequências negativas desta ruptura continuam se multiplicando à medida que avança o tempo. Em lugar de uma sociedade dual produziu uma sociedade unicamente masculina. Produziu-se uma transição à uma cultura unidimensional, extremadamente masculinizada. A inteligência emocional da mulher que criava maravilhas, que era humanista e que estava comprometida com a natureza e a vida foi perdida. Em seu lugar, nasceu a maldita inteligência analítica de uma cultura cruel que rendeu-se ao dogmatismo e que separou-se da natureza, que considera a guerra como uma grande virtude e que desfruta do derramamento de sangue humano, que considera legítimo o tratamento arbitrário da mulher a sua escravidão. Esta inteligência é a oposta à inteligência igualitária da mulher, focada em direção à produção humanitária e a natureza viva.

A mãe converteu-se em uma Deusa antiquada, agora senta-se em seu lar como uma mulher obediente e casta. Longe de ser igual aos Deuses, não pode fazer ouvir a sua voz ou mostrar seu rosto, pouco a pouco é envolta em véus, convertendo-se numa prisioneira dentro do harém do homem forte.

A profundidade da escravidão da mulher na Arábia (intensificada na tradição de Abraham por Moisés) está relacionada com este desenvolvimento histórico.

4. Como se fixou a autoridade patriarcal

A sociedade patriarcal precisa de uma estrutura hierárquica e autoritária para a sua sobrevivência. A aliança da administração autoritária com a autoridade sagrada do xamã teve como resultado o conceito de hierarquia. A instituição da autoridade ganharia progressivamente a prominência dentro da sociedade e na medida que as distinções de classe se transformava a autoridade estatal. Até então, a autoridade era pessoal, ainda não estava institucionalizada e, por tanto, não tinha tanto domínio sobre a sociedade como no caso do Estado institucionalizado. Obedecê-la era, em parte, algo voluntário em que o compromisso era determinado pelos interesses da sociedade.

Contudo, o processo que foi posto em marcha levava ao nascimento do Estado hierárquico. O sistema comunitário primitivo resistiu a este processo por muito tempo. O respeito e o compromisso com a autori-

dade da aliança só se mostravam si compartiam a sua acumulação (seu excedente) com os demais membros da sociedade. De fato, a acumulação do produto excedente era algo mal visto, a persona que merecia mais respeito era a que mais distribuía a sua acumulação (a admirada tradição da generosidade que imperava nas sociedades de clãs tem suas origens nesta poderosa tradição histórica). Desde o começo a comunidade considerava a acumulação do produto excedente como a maior ameaça à si mesma e embasou a sua ética e a sua religião na resistência contra esta ameaça. Mas, finalmente, a cultura da acumulação e a autoridade hierárquica derrotam à sociedade da mulher. Devemos esclarecer que esta vitória não correspondeu a uma necessidade histórica inevitável. Não existe nenhuma lei que sustente ou obrigue que a sociedade natural deva transformar-se numa sociedade hierárquica e, daí em mais,

em uma sociedade estadista. Pode haver uma tendência à tal desenvolvimento, mas assinalar que essa tendência seja um processo inevitável é contínuo que busca chegar à sua aplicação total é uma afirmação completamente errônea. Considerar a existência de classes como um destino para todas as sociedades é uma ferramenta que beneficia os ideólogos classistas.

Depois desta derrota, produziram-se profundos desgarrs na sociedade comunitária das mulheres. O processo de transformação em uma sociedade hierárquica não foi fácil. É a fase da transição da sociedade comunitária primitiva em direção ao Estado. Finalmente, a sociedade hierárquica tinha que desintegrar-se ou converter-se em Estado. Por mais que tenha jogado um papel que foi, de certo modo, positivo ao desenvolvimento da sociedade, sua forma de socialização, a aliança entre os poderes masculinos proporcionou a força que era necessária para que o patriarcado hierárquico se convertesse em Estado. Em realidade, foi a sociedade hierárquica e patriarcal que subordinou às mulheres, aos jovens e aos membros de outras etnias e tudo isto foi feito antes do surgimento do Estado. A questão mais importante foi saber como chegamos nesta subordinação. A autoridade para que isto fosse possível não foi obtida por meio das leis, mas por meio de novas éticas que se embasam nas necessidades mundanas e não em necessidades sagradas.

Por mais que exista uma tendência ao conceito religioso do Deus abstrato e único que reflete os valores

da sociedade patriarcal, a autoridade matriarcal da sociedade natural com seu olhar às Deusas resiste. Na ordem matriarcal as regras essenciais são as de trabalhar, produzir e abastecer as pessoas para poder mantê-las vivas. Enquanto que a ética patriarcal legitima acumulação e encurta o caminho para a propriedade, a ética da sociedade comunitária condena a acumulação de excedentes como fonte de todo o mal e fomenta a sua distribuição. A harmonia interna na sociedade se degrada de forma progressiva e a tensão cresce.

A solução deste conflito seria voltar aos antigos valores matriarcais ou aumentar o poder patriarcal dentro e fora da comunidade. Para a facção patriarcal só há uma eleição. Os pilares da sociedade violenta e guerreira embasada na opressão e na exploração ficavam estabelecidos. Por meio deste conflito chegou-se à fase do Estado, a fase de autoridade institucionalizada embasada na força permanente.

Sem analisar o status da mulher no sistema hierárquico e as condições pelas quais foi escravizada, nem o Estado nem o sistema de classes no qual repousa podem ser entendidos de forma clara. A mulher não é perseguida quanto ao gênero feminino mas quanto fundadora da sociedade matriarcal. Sem uma análise completa da escravidão das mulheres e o estabelecimento das condições para serem superadas, nenhuma outra escravidão pode ser analisada ou superada verdadeiramente. Sem estas análises, não se poderá evitar cometer erros fundamentais.

5. Toda escravidão está embasada na transformação da mulher em dona de casa.

Desde o imenso salto à frente na ordem hierárquica, o sexismo tem sido a ideologia básica do poder. A autoridade da mulher não se embasa no produto excedente, pelo contrário, surge da fertilidade e da produtividade e fortalece a existência social. Fortemente influenciada pela inteligência emocional, está estreitamente ligada à existência comunitária. O fato de que a mulher não ocupe um lugar visível nas guerras de poder embasadas na expropriação de excedentes, deve-se à posição na vida social.

É necessário assinalar uma característica tem se institucionalizado nas sociedades civilizadas, que é a tendência da sociedade às relações de poder. Assim, como foi necessária a transformação da mulher em dona de casa, para criá-la de novo a sociedade necessitava estar preparada para poder organizar a sua própria existência. A transformação da mulher em dona de casa é a forma mais antiga de escravidão. O homem forte e seu entorno derrotaram à mulher-mãe e todos os aspec-

tos de seu culto através de longas e profundas lutas. A conversão em dona de casa se institucionalizou quando a sociedade sexista fez-se dominante. A discriminação de gênero não é uma noção restrita às relações de poder entre a mulher e o homem, mas que define as relações de poder que tem se estendido a todos os níveis sociais. É, ao mesmo tempo, indicativa do poder estatal que alcançou sua capacidade máxima com a modernidade.

A discriminação de gênero teve um duplo efeito destrutivo na sociedade. Em primeiro lugar, abriu as portas da sociedade à escravidão. E, em segundo lugar, todas as outras formas de escravidão se colocaram em prática sobre a base da escravidão — da dona de casa. A conversão da dona de casa não só tem por objetivo recriar um indivíduo como objeto sexual, pois não é o resultado de uma característica biológica. A transformação em dona de casa é um processo intrinsecamente social e aponta à toda a sociedade. A escravidão, a

subordinação e a submissão a insultos, o choro, o costume de mentir e a falta de firmeza e o exibicionismo são todos aspectos reconhecidos da transformação em dona de casa e devem ser rechaçados pela ética da liberdade. É a fundação de uma sociedade degradada e a autêntica fundação da escravidão. É a fundação institucional sobre a qual se desempenham as mais antigas formas de escravidão e imoralidade, e todas as que derivaram dela. A sociedade civilizada reflete esta fundação em todas as categorias sociais. Para que o sistema funcione, a sociedade inteira deve ser submetida à transformação em dona de casa. O poder é sinônimo de masculinidade. Desse modo, a submissão da sociedade à transformação em dona de casa é inevitável, porque o poder não reconhece os princípios da liberdade e igualdade. Se assim o fizesse, não poderia existir. O poder e o sexismo na sociedade compartilham a mesma essência.

Outro assunto importante que temos que mencionar é a dependência e a opressão da juventude estabelecida pelo ancião, a idade o deixava fraco e débil. Isto faz com que o ancião tenha que ganhar a cumplicidade conquistando sua mente. O patriarcado se fortalece muito por estes métodos. O poder físico da juventude permite que possam fazer qualquer coisa que desejem. Esta dependência da juventude se perpetua e se aprofunda continuamente. Não é fácil romper com a superioridade da experiência e da ideologia. A juventude (e inclusive as crianças) está dominada pelas mesmas estratégias e táticas, propaganda ideológica e política, sistemas opressivos à mulher: a adolescência, como feminilidade, não é um fato físico mas é algo social.

Temos que entender bem isto: não é uma mera coincidência que a primeira autoridade poderosa que se estabeleceu foi a autoridade sobre a mulher. A mulher representa o poder da sociedade orgânica, natural e igualitária que não tem experimentado relações opressivas de exploração. O patriarcado não poderia ter sido vitorioso se ela não houvesse sido derrotada; ademais, não poderia haver-se realizado a transição à institucionalização do Estado. Acabar com o poder da mulher-mãe teve, por tanto, um sentido estratégico. Não é de se estranhar que fosse um processo tão árduo.

Sem analisar o processo pelo qual a mulher foi derrotada não podemos entender propriamente as características fundamentais da consequente cultura social do macho dominante. Inclusive o conhecimento da instauração social da masculinidade seria algo impossível. Sem compreender como se formou socialmente a masculinidade, não podemos analisar a instituição do Estado e, por conseguinte, não seria possível

definir com precisão a cultura da guerra e do poder relacionada com a categoria do Estado. Destaco esta questão porque é preciso expor as personalidades endeadas e macabras que se desenvolvem como resultado de todas as posteriores divisões de classe e todos os diferentes tipos de exploração, crime e assassinato que tem cometido. A subordinação social da mulher foi a contrarrevolução mais abominável já realizada.

O poder alcançou a sua máxima capacidade na forma do Estado-nação. Deriva a sua força principalmente do sexismo que se expande e se intensifica com a integração das mulheres como força de trabalho, assim como através do nacionalismo e do militarismo. O sexismo, como o nacionalismo, é uma ideologia pela qual se gera poder e são construídos os Estados-nação. O sexismo não é um fato derivado de diferenças biológicas. Par ao macho dominante, a mulher é um objeto que utiliza para levar adiante as suas ambições. Do mesmo modo, quando levamos adiante a transformação da mulher em dona de casa começou o processo de transformar os homens em escravos; por tanto, as duas formas de escravidão estão entrelaçadas.

Em resumo, as campanhas para excluir as mulheres e para provocar em direção ao conquistador e às estruturas da autoridade do guerreiro estavam estreitamente relacionadas. O Estado como instituição foi uma invenção dos homens. O Estado como instituição foi uma invenção de homens e as guerras de saques e pilhagens foram quase que o único método de "produção". A influência social da mulher embasada na produção foi substituída pela influência social do homem embasada na guerra e na pilhagem. Existe um vínculo direto entre o cativo da mulher e a cultura social do guerreiro. A guerra não produz, captura e saqueia. Por mais que a força possa ser decisiva para o progresso social baixo certas condições determinadas (por exemplo por meio da resistência à ocupação, a invasão e o colonialismo, se estrutura e abre o caminho em direção da liberdade), quase sempre é destrutiva e negativa.

A cultura da violência que a sociedade interiorizou se nutre da guerra. A espada guerreira empunhada pelo Estado na guerra e pela mão do homem na família, são símbolos de hegemonia. Toda a sociedade de classes, desde seus estratos superiores aos estratos inferiores, está contida entre a espada e as mãos.

Isto é algo que sempre quis entender: como é possível que o poder da mulher caísse nas mãos do homem, que não é realmente produtivo nem criativo. A resposta está, obviamente, no papel que desempenha a força. Quando também a economia foi arrebatada da mulher, o cativo foi inevitável.

6. A segunda grande ruptura sexual:

Milênios depois do estabelecimento do patriarcado (o que denominamos a “primeira grande ruptura sexual”), as mulheres sofreram de novo um ataque qual ainda não se recuperara. Refiro-me à intensificação do patriarcado por meio das religiões monoteístas.

A mentalidade dominante de rechaço à sociedade natural se agravou com o sistema feudal. O pensamento religioso e filosófico converteu-se no pensamento dominante da nova sociedade. Do mesmo modo como a sociedade suméria sintetizou os valores da sociedade neolítico em seu novo sistema, a sociedade feudal sintetizou os valores morais das classes oprimidas do sistema antigo e os grupos étnicos que resistiam em zonas remotas entraram em suas próprias estruturas internas. A passagem do politeísmo ao monoteísmo desenvolveu um papel essencial neste processo.

As características mitológicas da mentalidade se renovam com conceitos religiosos e filosóficos. O crescente poder do império se reflete na multidão de Deuses sem poder que evoluíram em um Deus todo-poderoso e universal.

A cultura relacionada às mulheres que desenvolveram religiões monoteístas teve como resultado a grande ruptura sexual. Enquanto que a ruptura do período mitológico foi uma necessidade cultural, a ruptura do período monoteísta foi a “lei ditada por Deus”. Tratar as mulheres como seres inferiores converteu-se, agora, num mandato divino. A superioridade do homem nesta nova religião fica ilustrada na relação entre o Profeta Abraão e as mulheres: Sara e Agar. O patriarcado fica agora bem estabelecido. Forma-se a instituição do concubinato, aprova-se a poligamia. Como mostrou claramente a relação entre o profeta Moisés e a sua irmã Miriam, a parte da mulher na herança cultural foi eliminada. A sociedade do Profeta Moisés era uma sociedade totalmente masculina onde as mulheres não tinham nenhuma função. Assim começa a briga com Miriam.

Durante o período do reino hebreu que cresceu antes do primeiro milênio a.c., podemos observar, com Davi e Salomão, a transição à uma cultura generalizada de conversão em donas de casa. A mulher, sob a dominação cultural do patriarcado e do Estado religioso, não desempenha nenhum papel público. A melhor mulher é a que melhor se adapta ao homem ou ao patriarca. A religião se converte em uma ferramenta para caluniar à mulher. Em primeiro lugar, Eva é a primeira mulher pecadora que seduz Adão e provoca a sua expulsão do paraíso. Lilith não se submete ao Deus de Adão (uma figura patriarcal) e ajuda ao chefe dos espíritos malignos (uma figura humana que se nega à servir e não

obedece à Adão). De fato, a afirmação suméria de que a mulher foi criada a partir da costela de um homem está, também, na Bíblia. Como falou-se anteriormente, é justamente o contrário da narrativa original: a mulher passa de ser a criadora para ser criatura. As mulheres quase não são mencionadas como profetas nas tradições religiosas. A sexualidade da mulher é contemplada como a maldade mais desprezível sendo vilipendiada, manchada e sujada. A mulher que ainda tinha lugar de honra nas sociedades sumérias e egípcias se converte, agora, em uma figura de desonra, pecado e sedução.

Com a chegada do período do profeta Jesus, aparece a imagem da figura de Maria Mãe. Por mais que seja a mãe do filho de Deus, não há nenhum indicio de sua origem divina. Uma mãe extremamente tranquila e chorona (sim o título de Deusa!) substituiu a imagem das Deusas-mães. A queda é contínua. É bastante irônico que uma simples mulher seja fecundada por Deus. De fato a Trindade do Pai, Filho e do Espírito Santo representam a síntese das religiões politeístas e a religião monoteísta. Apesar de que Maria também deveria ter sido considerada uma divindade, é apresentada como uma mera ferramenta do Espírito Santo. Isto indica que a divindade se converteu exclusivamente em uma figura masculina. Nos períodos sumério e egípcio, Deusas e Deuses eram quase iguais. Inclusive durante a época da Babilônia a voz das deusas-mãe eram ouvidas ainda com clareza e força.

A mulher já não tinha nenhum papel social exceto o ser a mulher da sua casa. Seu principal dever era cuidar dos filhos homens os “deuses-filho”, cujo valor havia crescido desde o período mitológico. A esfera pública estava totalmente vetada. A prática cristã e as mulheres virgens santas representaram, de fato, os refúgios e retiros da reclusão e isolamento para encontrar a salvação dos pecados. Pelo menos esta vida santa enclaustrada oferecia uma libertação do sexismo e da condenação. Existem razões materiais e espirituais de peso para escolher a vida em claustro frente a uma vida infernal em casa. Quase podemos chamar esta instituição do primeiro partido das mulheres pobres. A monogamia, que estava bem estabelecida no judaísmo, foi adotada e santificada pelo cristianismo. Esta prática tem um papel importante na história da civilização europeia. Um aspecto negativo é que as mulheres são consideradas objetos sexuais na civilização europeia, porque os católicos não permitiam o divórcio.

Com a chegada do profeta Maomé e o Islã, o status das mulheres da cultura patriarcal das tribos do deserto melhorou de alguma forma. Mas, em essência, o Islã está embasado na cultura de Abraão; as mulheres tinham o mesmo status durante o período do profeta

Maomé do que no período do Davi e Salomão. Nesse então, foi legitimada a poligamia por razões políticas e estava legitimado ter muitas concubinas. Por mais que no Islã o casamento fosse restrito ao máximo de quatro mulheres, a essencial não muda em nada porque a propriedade de harems e de concubinas é institucionalizada.

Tanto na cultura cristã como na muçulmana há um estancamento em relação à superação da sociedade sexista. As normas do cristianismo respeito às mulheres e a sexualidade em geral estão na origem da crise da vida monogâmica moderna. Esta é a realidade que se esconde por trás da crise da cultura sexista da sociedade ocidental. Isto tampouco pode ser resolvido mediante a prática do celibato, que é exigido aos padres e as freiras. A solução islâmica de dar prioridade à satisfação sexual masculina com muitas mulheres, esposas ou concubinas fracassou. Em essência um harem nada mais é do que um bordel privado de uso exclusivo do indivíduo privilegiado. As práticas sociais sexistas do harem e da poligamia desempenham um papel importante no fato de que a sociedade do Oriente Médio

encontra-se por trás da sociedade ocidental. Enquanto que a repressão da sexualidade pelo cristianismo é um fato que levou à modernidade, o apoio à satisfação sexual excessiva é um fator que levou o Islã à retroceder a um estado pior do que o da antiga sociedade tribal do deserto, e a ser superada pela sociedade moderna ocidental.

O efeito do sexismo no desenvolvimento da sociedade é muito maior do que acreditamos. Quando analisamos a crescente fenda que existe entre o desenvolvimento social oriental e ocidental, deveríamos nos focar no papel do sexismo. A percepção do sexismo no Islã produziu resultados muito mais negativos que os da civilização ocidental em relação à profunda escravidão da mulher e a dominação masculina.

A servidão da sociedade não é só um fenômeno de classes. Existe uma ordem na submissão que esta profundamente escondida no próprio sistema de escravidão. Suavizar esta realidade contribui para reforçar o sistema. O paradigma fundamental da sociedade é um sistema de servidão que não tem começo nem fim.

7. Família, dinastia e Estado:

Mencionei a profunda relação existente entre as relações de poder dentro da família patriarcal e do Estado. Este assunto merece uma análise mais extensa.

Os pilares da ideologia dinástica são a família patriarcal, a paternidade e o fato de ter muitos filhos homens. Isto nos remete a compreensão do poder político no sistema patriarcal. Enquanto que o sacerdote estabelecia seu poder por meio da – assim chamada – capacidade de dar e interpretar significado, o homem forte estabelecia sua liderança por meio do uso do poder político. O poder político pode entender-se como o uso da força quando não se obtêm a liderança. Por outra parte, o poder do sacerdote se assenta na “ira de Deus” quando não se cumprem seus mandatos; e um poder espiritual e tem, por tanto, um poder estimulador. Enquanto que a verdadeira fonte de poder político é dado pelo séquito de militantes do homem forte.

A dinastia como ideologia e na prática se desenvolve virando este sistema. Na ordem patriarcal, o governo patriarcal obteve como resultado a aliança entre o “ancião com experiência” e o “homem forte”, com seu séquito militar e o xamã que, como líder sagrado, foi o antecessor do sacerdote.

O sistema dinástico deveria ser entendido como um todo sagrado, onde a ideologia e a estrutura podem separar-se. Desenvolveu-se desde o interior os sistema tribal, mas estabeleceu-se como classe alta do núcleo

familiar administrativo, negando assim o sistema tribal. Desenvolveu-se desde dentro do sistema tribal mas estabeleceu como a classe alta do núcleo familiar administrativo, negando o sistema tribal. Tem uma hierarquia muito estrita. É uma classe proto-governante, é o protótipo do poder e do Estado. Depende do homem e dos filhos homens; ter muitos filhos é importante para ter poder. Consequência disso foi a poligamia, o harém e o sistema de concubinato. A propriedade da dinastia é a criação do poder do Estado. Ainda mais importante, a dinastia foi a primeira instituição que blindou ao seu próprio clã e tribos enquanto que os demais sistemas tribais se acostumavam com a divisão em classes e na escravidão. Na civilização do Oriente Médio, enraizou-se de tal forma que quase não existe um poder ou Estado que não seja uma dinastia. Ao construir um campo de treinamento para o poder e para o Estado, perpetua-se continuamente e é muito difícil de vencê-lo.

Cada homem dentro da família se considera o proprietário de um pequeno reino. Esta ideologia dinástica é a autêntica razão pela qual a família é um assunto tão importante. Quanto maior seja o número de mulheres e crianças que pertençam à família, maior é a segurança e dignidade que alcança o homem. É importante, também, analisar a família atual como uma instituição ideológica. Se elimináramos a mulher e a família do sistema civilizado, o poder e o Estado ficariam fracos demais para constituir uma ordem de poder. Mas

o preço disto seria a existencia dolorsa, empobrecid, degradada e derrotada da mulher sob um estado de guerra de baixa intensidade permanente. O monopólio masculino que tem sido mantido sobre a vida e sobre o mundo das mulheres ao longo da história não é diferente das correntes de monopólios que são mantidas na sociedade. Ainda mais importante é o monopólio de poder mais antigo. Poderíamos tirar conclusões mais realistas se avaliassemos a existencia da mulher como um fenómeno colonial mais antigo. Seria inclusive mais preciso denominar às mulheres como o povo colonizado mais antigo que nunca se converteu em uma nação.

A família, neste conceito social, desenvolveu-se como um pequeno Estado do homem. A família como instituição tem se aperfeiçoado através da história da civilização, unicamente pelo esforço que propocia ao aparelho de poder e do Estado. Em primeiro lugar, a família se converte no suporte básico da sociedade estatal dando poder à família representada pela figura do varão. Em segundo lugar, o trabalho constante y não assaliado da mulher fica assegurado. Em terceiro lugar, ela cria as crianças para manter as necessidades da população. Em quarto lugar, ela expande a escravidão e a imoradidade à toda a sociedade como um modelo a seguir. A família, constituída deste modo é a instituição onde a ideologia dinástica se transforma em um modelo funcional.

O principal problema para a liberdade no contexto social é o matrimônio e a família. Quando uma mulher se casa ela é, de fato, escravizada. Não é possível imaginar uma outra instituição que escravize tanto como o matrimônio. As escravidões profundas se estabelecem por meio da instituição do matrimônio, escravidões que tem se entricheirado dentro do modelo de família. Esta não é uma referência geral sobre compartilhar a vida ou ter relações amorosas que possam ter sentido desde a percepção da liberdade e igualdade. O que se discute aqui é esse modelo de casamento tradicional e o modelo de família. A propriedade absoluta da mulher significa a sua exclusão de todos os cenários políticos, intelectuais, sociais e conomicos; isto não pode ser reestabelecido facilmente. Por tanto, faz-se necessária uma revisão radical do modelo de família, do matrimônio e o desenvolvimentot de linhas de atuação orientadas à democracia, liberdade e a igualdade de gênero. Os matrimônios e as relações que partem das necessidades individuais e sexuais e os conceitos de família tradicional, podem dar lugar a alguns desvios perigosos em direção a uma vida livre. Não precisamos destas associações, o que precisamos é atingir a igualdade de gênero e a democracia por meio da sociedade e com o desejo de desenvolver-se por meio da análise da mentalidade e do entorno político que produziu associações tão destrutivas.

A cultura dinástica e da família que seguem tendo tanto poder na sociedade atual do Oriente Próximo são

uma das principais fontes dos problemas que deram lugar a uma população, um poder e umas ambições excessivas em querer participar do poder Estado. A degradação das mulheres, a desigualdade, as crianças sem acesso à educação, as disputas familiares e os problemas de honra estão todos relacionados com a família. É como se um pequeno modelo dos problemas intrínsecos do poder e do Estado estivesse estabelecido dentro da família. Por isso, é fundamental analisar a família para poder analisar o poder, o Estado, a classe e a sociedade.

O Estado e os centros de poder, outorgaram ao homem-pai uma cópia da sua própria autoridade e fizeram com que ele desempenhasse esse papel. Deste modo, a família se converteu na ferramenta mais importante para legitimar os monopólios. Converteu-se na fonte de escravos, servos, obreiros, soldados e produtores de todo tipo de serviços necessários para os círculos capitalistas dominantes. Por isso pediram-lhe deram tanta importância à família, por isso santificaram-na. A família se converteu no porto seguro do sistema e por tanto será inevitavelmente perpetuada.

A crítica à família é fundamental. Os restos do passado patriarcal e das sociedades estatais e os modelos da civilização ocidental moderna não criaram uma síntese senão um ponto morto, uma paralisia no Oriente Médio. A via sem saída criada pela família é, inclusive, o mais circular que o do Estado. Se a família segue mantendo a sua força frente aos demais laços sociais que estão desaparecendo mais rapidamente, é porque é o único refúgio social disponível. Não devemos deixar de contar com a família. Se analisarmos com profundidade, a família pode converter-se no principal apoio da sociedade democrática. Não só a mulher, mas toda a família deve ser analisada como o principal suporte do poder; se não, deixaremos o elemento prático e o ideal da civilização democrática sem seu elemento mais importante.

A família não é uma instituição social que deva ser destruída, mas deve ser transformada. A pretensão da propriedade sobre a mulher e as crianças deve ser abandonada. O capital (em todas as suas formas) e as relações de poder não devem ter espaço nas relações à dois. A criação das crianças como motivação para manter a instituição familiar deve ser eliminada. A orientação ideal da associação entre homens e mulheres está embasada na filosofia da liberdade, entregue à sociedade ética e política. Dentro deste marco, a família transformada será a melhor garantia da civilização democrática e uma das relações fundamentais dentro desta ordem. O companheirismo natural é o mais importante que a relação à dois oficial. O casal deveria aceitar sempre o direito do outro à vida sozinho. Não se pode agir de forma escravista e temerária em uma relação.

Evidentemente, a família experimentará sua transformação mais significativa durante a civilização democrática. Se a mulher; que foi despossu-

ida de grande parte da sua força e respeito não o recuperá-la, não serão possíveis uniões familiares significativas. Não pode haver respeito por uma

família que tenha como base a ignorância. Na construção da civilização democrática o papel da família é vital.

8. A situação das mulheres na sociedade curda.

Até agora, fiz uma descrição sobre algumas características gerais da sociedade sexista. Permita-me concluir esta análise com algumas observações sobre as condições específicas das mulheres curdas.

A transição da civilização suméria à hitita levou aos proto-curdos à fortalecerem sua existência tribal. Já que a criação de um Estado prematuro levaria a sua extinção, optaram por um estilo de vida seminômade ou de semiguerrilha. Ao aumentar o número de Estados estabelecidos ao seu redor, sentiram a necessidade crescente de fortalecer suas estruturas tribais. O tribalismo curdo se pareceria ao estilo de vida de um grupo de guerrilha. Se observamos de forma mais cuidadosa a família dentro da organização tribal, vemos a preponderância do matriarcado e da liberdade. As mulheres eram muito influentes e livres. A atitude em alerta, a força e o valor das atuais mulheres curdas provem desta antiga tradição histórica. Por outro lado, um aspecto negativo da vida tribal é que as oportunidades se fazer uma transição a uma vida mais desenvolvida ficam restritas.

Não é casualidade que entre os povos do Oriente Médio, os curdos sejam os que tem o sentido de liberdade mais desenvolvido. Podemos observar isto em seu desenvolvimento histórico. A ausência prologada das classes governantes e exploradoras e a sua capacidade para não gerar nenhum valor positivo para a comunidade, somando ao fato de que no desenvolver de sua história os curdos tiveram que enfrentar a natureza e aos ataques estrangeiros que contribuíram para o desenvolvimento desta característica. O fato de que as mulheres da sociedade curda sejam mais proeminente que as demais do Oriente Médio se deve, em muito, a esta realidade histórica.

Contudo, a situação atual das mulheres na sociedade curda precisa de uma análise mais profunda. A situação das mulheres em todo o mundo é ruim, mas no

caso das mulheres curdas a escravidão é terrível em muitos aspectos. De fato, a situação das mulheres e das crianças é espantosa.

A pesar de que no Curdistão a família é considerada sagrada, ela foi aplastada: especialmente como resultado da falta da liberdade, das dificuldades econômicas, a falta de educação e os problemas de saúde. O fenômeno dos chamados crimes de honra é a vingança simbólica daquilo que acontece na sociedade de modo geral. Estão fazendo com que as mulheres paguem pela destruição da honra da sociedade de modo geral. A perda da masculinidade se paga com as mulheres. Exceto na questão de honra da mulher, o homem curdo, que perdeu ambos, a força moral e o poder político, não dispõem de outra esfera para demonstrar seu poder ou a falta dele.

Sob as atuais circunstâncias, poderia resolver-se a criação da família se fosse dada uma democratização geral da sociedade. A educação e a transmissão da língua materna podem eliminar parcialmente a falta de identidade. O casamento, as relações entre o marido, a mulher e os filhos, sequer haviam superado as antigas relações feudais quando as impiedosas relações do capitalismo tomaram conta e converteram a sua vida em uma autêntica prisão.

Em sua luta pela liberdade do povo curdo, o PKK não só lutou contra os paralisantes efeitos do colonialismo, mas, também, lutou contra o feudalismo interno para mudar o status das mulheres e terminar com a escravidão da sociedade de modo geral. As mulheres somaram-se à luta massivamente, não só para resistir ao colonialismo mas, também, para terminar com o feudalismo interno e exigir a liberdade. Desde a década de 1980, isto provocou que as mulheres curdas, tanto dentro como fora da organização, se autogerenciem como movimento e tomem à frente decisões que lhes concernem à sociedade de modo geral. Tento apoiá-las de todas as formas que posso, tanto de forma teórica como prática.

9. O capitalismo

Uma definição realista do capitalismo não deveria apresentá-lo como uma constante criada e caracterizada pelo pensamento e a ação centralizadas. Provêm, em essencial, das ações dos indivíduos e grupos oportunistas que estabeleceram suas aberturas e fendas existentes na sociedade como potencial produtor de excedentes; estas ações tornaram-se sistêmicas já que abocanhavam incessantemente o excedente social.

Estes grupos e indivíduos nunca representaram mais do que 1% ou 2% da sociedade. Sua força reside em seu oportunismo e em sua destreza para organizar-se. Sua vitória não só se deve à sua habilidade organizativa, mas, também, ao controle que exercem sobre os bens necessários e sobre a flutuação dos preços no ponto de intersecção entre a oferta e a demanda. Se as forças sociais oficiais não o suprimem e, em vez disso, se aproveitam de seus benefícios dando-lhes em troca poio contínuo, então, estes grupos que existem às margens de todas as sociedades, podem legitimar-se como os novos senhores da sociedade. Ao longo da história da civilização e, especialmente, na sociedades do Oriente Próximo, estes grupos marginais de usureiros sempre existiram. Mas, devido ao ódio que a sociedade sentia por eles, nunca tiveram suficiente força para emergir dos bueiros onde residiam. Nem sequer os administradores mais despóticos tiveram o valor para legitimar estes grupos. Não só eram censurados como, também, considerados como mais perigoso poder de corrupção. Sua ética era considerada como a raiz de todo o mal. De fato, a imensa onda de guerras, saques, massacres e exploração que tem se originado desde a Europa ocidental durante os últimos 400 anos são, em grande parte, resultado da hegemonia do sistema capitalista. (Mas, depois, o último maior contra-ataque se deu na Europa ocidental, pelo que pode-se considerar uma perda total para toda a humanidade).

O capitalismo e o Estado-nação representam ao macho dominante em uma forma mais institucionalizada. A sociedade capitalista é a continuação e a culminação de todas as antigas sociedades exploradoras. É uma guerra contínua contra a sociedade e contra a mulher. Para dizer de forma mais objetiva, o capitalismo e o Estado-nação são o monopólio do macho tirano e explorador.

Acabar com este monopólio será, quem sabe, mais difícil que desintegrar um átomo. Um dos objetivos principais da hegemonia ideológica do capitalismo moderno é apagar todo rastro dos fatos históricos e sociais relacionados com sua concepção e a sua essência. Isto se deve a que a forma econômica e social do capitalismo não é uma necessidade social e histórica, é uma construção social, forjada por meio de um complexo processo. O nacionalismo é a nova religião e filosofia (assimilando-as) e sua nova divindade é o Estado-nação. O objetivo final de sua guerra ideológica é garantir o monopólio sobre o pensamento. Suas principais armas são a religiosidade, a discriminação

de gênero e a ciência como religião positivista. Sem hegemonia ideológica, só com repressão política e militar, a manutenção da modernidade será impossível. Enquanto que o capitalismo utiliza a religiosidade para controlar o conhecimento da sociedade, faz uso do nacionalismo para controlar as classes e a cidadania, um fenômeno que tem aumentado com o capitalismo. O objetivo da discriminação de gênero é negar às mulheres qualquer esperança de mudança. A forma mais eficiente de funcionamento da ideologia sexista é prender o macho nas relações de poder e anular à mulher por meio de contínuas violações. Através do cientificismo positivista, o capitalismo neutraliza o mundo acadêmico e a juventude. Os convence de que a única escolha é integrar-se no sistema e, em troca de certas concessões, se assegura essa integração.

Igual que todos os sistemas sociais repressivos e exploradores, o capitalismo não poderia desenvolver-se sem estabelecer um Estado. Enquanto que o dogmatismo do sistema feudal tinha um caráter religioso, o da sociedade arcaica escravista tinha um caráter mitológico. Deus se encarnava no rei e na dinastia, mas atualmente, Deus é representado como um poder invisível na nobre existência do Estado.

Quando o capitalismo viu a oportunidade de converter-se em um sistema, começou a eliminar todas as sociedades embasadas na cultura da mulher-mãe. Durante a primeira modernidade, a força da sociedade feminina que batalhava por subsistir, foi queimada na fogueira do caçador de bruxas. Estas mortes foram ferramentas muito úteis para estabelecer sua hegemonia sobre a mulher e sua total escravização. Atualmente, a mulher está à serviço do sistema em parte pela extensa queima de mulheres na Europa sob à total servidão ao homem.

Depois de eliminar as mulheres o sistema demoliu, da pior forma possível, a sociedade agrária, comunidades locais, vilarejos e aldeias. Enquanto existisse uma sociedade democrática e comunitária o capitalismo não podia obter o máximo poder e ganancias. Por tanto, este tipo de sociabilidade foi aniquilado sem piedade. Deste modo, a manutenção do cativeiro da escrava mais antiga, a mulher, converte-se no modelo para as outras vidas escravizadas: a dos filhos e a dos homens.

O poder político e militar desempenha um papel muito importante na manutenção da hegemonia do sistema capitalista. Mas, é fundamental possuir e, consequentemente, paralisar a sociedade por meio da indústria cultural, a mentalidade das comunidades sob influência do sistema debilitou-se e seus membros acreditaram. Muitos filósofos proclamam que a sociedade converteu-se em uma sociedade do espetáculo, parecida a um zoológico. O sexo, esportes, artes e indústria da cultura, combinados em série, bombardeiam a inteligência emocional e analítica de forma incessante por meio das propagandas. Como resultado, tanto a inteligência emocional como a analítica volta-

ram-se totalmente disfuncionais, tornando a conquista da mentalidade da sociedade completa.

O que é preocupante é a aceitação voluntária da sociedade à este cativeiro, mediante as indústrias do sexo e da cultura combinadas e, ademais, perceber isto como o desperdício de liberdade! É a base e a ferramenta da legitimação mais forte que tem os governantes. O capitalismo só pode chegar à fase imperial com ajuda da indústria cultural. Por conseguinte, a batalha contra a hegemonia cultural requer a luta mais difícil de todas, a luta mental. Até que desenvolvamos e organizemos os conteúdos de forma a contra-ataque contra

a guerra cultural levada adiante pelo sistema por meio de invasões, assimilação e industrialização, nenhuma luta por liberdade, igualdade e democracia tem possibilidade de triunfar.

A modernidade capitalista é um sistema embasado na negação do amor. Sua negação da sociedade, o individualismo desenfreado, a discriminação de gênero em todos os campos, o endeusamento do dinheiro e a substituição de Deus pelo Estado-nação, e a conversão da mulher em um autômato que não recebe nenhum pagamento – ou muito pequeno – não deixam, tampouco, lugar material para o amor.

10. A economia:

A economia converteu-se em um assunto que, supõe-se que as pessoas comuns não entendem. Complicou-se intencionalmente para emascarar a realidade. É a terceira força, atrás da ideologia e da violência, por meio das quais as mulheres e, mais tarde, a sociedade inteira foi presa e forçada a aceitar sua dependência. Economia literalmente significa “administrar a casa”, originalmente do domínio das mulheres, junto com outras seções fundamentais da sociedade que tratarei mais adiante.

Na ordem das mulheres também existia acumulação mas não ficava com o comerciante ou com o mercado, ficava com as famílias. Nisso consiste a economia real e humanitária. Devido a difusão da cultura presente, a acumulação não chegava a ser um perigo. a cultura do presente é uma forma importante de atividade econômica. É, também, compatível com o ritmo do desenvolvimento humano.

Enquanto que a mulher era empurrada de forma geral da história da civilização, mas, especialmente, do capitalismo moderno, os grandes homens tinham a oportunidade de distorcer o funcionamento da economia e, desta forma, convertê-la em acúmulo de problemas. Isto foi desempenhado por pessoas sem uma conexão orgânica com a economia e com uma enorme avidez pela ganancia e pelo poder. Por isso, deixaram a todas as forças econômicas, especialmente a mulher, sob seu próprio controle. Como resultado, as forças do poder e do Estado cresceram de forma excessiva, como um tumor na sociedade, que chega a um ponto em que não pode ser mantida.

O problema econômico começa realmente quando exclui-se a mulher da economia. Em essência, a economia é tudo que se relaciona com a alimentação. Pode parecer estranho, mas creio que a verdadeira geradora da economia é, ainda, a mulher, apesar de todas as tentativas de acabar com ela e colonizá-la. Uma análise completa da economia mostrará que a

mulher é sua força fundamental. De fato, isto fica claro quando consideramos seu papel na revolução agrícola, e como colheu e selecionou sementes e plantas durante milhões de anos. Atualmente, são só trabalha no lar mas, em muitas outras áreas da vida econômica, nas que é a responsável por manter a roda da economia girando. Depois da mulher, aqueles classificados como escravos, servos e trabalhadores, seriam os seguintes que podem considerar-se geradores de economia. Os mantiveram sob um controle contínuo e cruel para que os poderes da civilização pudessem calcular e apropriar-se dos excedentes, a mais-valia e todos os valores criados. Os terceiros nesta linha são os artesãos, os pequenos comerciantes e os pequenos agricultores que são um pouco mais livres. Nesta categoria, podemos incluir aos artistas, arquitetos, engenheiros, médicos e a todos os profissionais autônomos. Com isto se completaria o panorama daqueles que geram e constituem a economia.

O período mais brutal para a mulher foi quando esta foi deslocada da economia durante a civilização capitalista. Podemos chamar este fato de “a destituição da mulher na economia”. Isto se converteu no paradoxo social mais chamativo e profundo. Assim, deixou-se desempregada toda a população feminina. Por mais que o trabalho doméstico seja uma ação bastante difícil, não possui nenhum valor. Por mais que parir e cuidar da criação das crianças são as tarefas mais exigentes, nem sempre é reconhecida essa importância. Ainda mais, comumente são considerados como meros problemas. A mulher, ademais de ser uma máquina reprodutiva, encontra-se desempregada, possui baixo custo de aquisição e pode funcionar sem gastos usando-a como bode expiatório: atribuindo-lhes a culpa daquilo que está errado. Ao longo da história da civilização foi colocada no lugar mais baixo da sociedade onde desempenhava seu trabalho doméstico sem nenhum pagamento, criava as crianças e mantinha a família unida; tarefas que formam a base atual da

acumulação capitalista. De fato, nenhuma outra sociedade teve o poder de desenvolver e sistematizar a exploração da mulher até o grau que foi feito no capitalismo.

Durante o período capitalista foi alvo da desigualdade, sem liberdade e democracia, não só em níveis básicos mas em todos eles. Ademais, o poder da sociedade sexista desenvolveu tal intensidade e profundidade que a mulher converte-se em objeto e sujeito da indústria sexual. A sociedade do macho

dominante alcançou seu ápice na civilização capitalista.

A mulher e a economia são dois elementos entrelaçados. Ao gerar a economia segundo as necessidades fundamentais, a economia da mulher é a única que nunca cai, nunca provoca poluição ambiental, nunca representa uma ameaça para o clima. Quando deixemos de produzir para obter lucro, teremos alcançado a libertação do mundo. Isto, por sua vez, será a libertação da humanidade e da vida mesma.

11. Matar ao macho dominante: começando a terceira grande ruptura sexual contra o macho dominante:

Por mais que a dominação masculina está profundamente institucionalizada, os homens também são escravos. O sistema, de fato, reproduz-se no indivíduo masculino e feminino e na relação que se dá entre ambos. Por tanto, se queremos derrotar o sistema precisamos realizar um novo enfoque radical sobre a mulher, o homem e sobre a relação entre ambos.

A história, em certo sentido, é a história do macho dominante que ganhou poder com o surgimento da sociedade de classes. O caráter da classe governante forma paralelamente à personalidade do macho dominante. Uma vez mais, a norma fica validada através de mentiras mitológicas e do castigo divino. Sob estas máscaras, se esconde a realidade da força bruta e da exploração atroz. Em nome da honra, o homem se apodera dos direitos da mulher da forma mais insidiosa, traidora e despótica. O fato de que no decorrer da história da mulher ela tivesse sido privada da sua identidade e personalidade pelo homem (a eterna prisioneira) foi até mais danoso do que o próprio surgimento da sociedade de classes. O cativeiro da mulher é uma medida do declive e da escravização geral da sociedade; é, também, uma medida para as suas mentiras, roubos e tiranias. A personalidade social do macho dominante até agora não permitiu sequer a realização de uma análise científica do fenômeno da mulher.

A questão fundamental é porque o homem é tão ciumento, dominante e vil no que se refere à mulher; por que continua desempenhando o papel de estuprador. Sem dúvidas, a violação e a dominação são fenômenos relacionados com a exploração social, refletem a violação da sociedade através da hierarquia, do patriarcado e do poder. Se observamos um pouco mais profundamente, veremos que estes atos também expressam uma tradição de vida. A dedicação multifacetada da mulher frente à vida pode clarificar a

postura sexista do homem na sociedade. O sexismo social significa a perda da riqueza da vida sob a esgotante influência do sexismo e, consequentemente, aumentando a raiva, a violação e as posturas de dominação.

Por isso resulta essencial abordar o problema do homem, que é muito mais grave que a questão da mulher. É, quem sabe, mais difícil analisar os conceitos de dominação e poder, relativos ao homem. É o homem, e não a mulher, quem não quer transformar-se. Tem que abandonar o papel do macho dominante lhe deixaria numa posição de monarca que perdeu o seu Estado. Deveria ser consciente de que esta forma de dominação tão vazia, também lhe priva de liberdade, inclusive de algo pior: anula a possibilidade de qualquer mudança.

Para levar uma vida que tenha sentido, é preciso que definamos à mulher e seu papel na vida social. Esta não deve ser uma definição de seus atributos biológicos e do seu status social mas uma análise sobre todos os conceitos fundamentais da mulher como ser. Se definimos à mulher, será possível definir ao homem. Utilizar ao homem como ponto de partida para definir à mulher ou a vida, invalidaria as interpretações, já que a existência natural da mulher é mais central do que a existência do homem. Por mais que a sociedade do macho dominante despreze o status da mulher e o considere insignificante, isto não deveria ser um impedimento para chegar a uma compreensão válida sobre a sua realidade.

É evidente que os aspectos físicos da mulher não são deficientes ou inferiores, pelo contrário, o corpo feminino é mais central e importante do que homem. Esta é a raiz dos exagerados e absurdos ciúmes dos homens.

A consequência natural das duas diferenças físicas é que a inteligência emocional está conectada com a vida; é a inteligência que guia a empatia e a sim-

patia. Inclusive quando a inteligência analítica da mulher se desenvolve, sua inteligência emocional lhe proporcional o talento que precisa para viver uma vida equilibrada, para estar entregue a vida sem ser destrutiva.

Como pode ser deduzido deste breve análise, o homem é um sistema. O homem converteu-se em um Estado e, depois, na cultura dominante. As opressões de classe e sexuais desenvolveram-se juntas. A masculinidade gerou um gênero governante, uma classe governante e um Estado governante. Quando se analisa ao homem neste contexto, fica claro que deve-se aniquilar a masculinidade.

Assim, deve-se matar ao homem dominante como princípio fundamental do socialismo. Isto significa que devemos matar o poder: matar a dominação unilateral, a desigualdade e a intolerância. Ademais, matar o fascismo a ditadura e o despotismo. Deveríamos ampliar este conceito para incluir todos estes aspectos.

É impossível liberar a vida sem uma revolução radical da mulher que seja capaz de mudar a mentalidade do homem e a sua vida. Se não somos capazes de alcançar a harmonia entre o homem e a vida, a vida e a mulher, a felicidade é tão só uma vaga esperança. A revolução de gênero não diz respeito somente às mulheres. Tem que ver com uma civilização de sociedade de classes de cinco mil anos de antiguidade que deixou ao homem em uma situação pior do que a da mulher. Esta revolução de gênero significaria, simultaneamente, a libertação do homem.

Escrevi, varias vezes, sobre o "divorcio total", ou seja, a capacidade de divorciar-se da cultura de dominação masculina de cinco mil anos de antiguidade. As identidades de gênero masculinas e feminina que conhecemos hoje em dia são construções sociais que se formam muito depois do homem e da mulher biológicos. A mulher tem sido explorada durante milhares de anos segundo esta identidade construída, sem reconhecimento de seu trabalho. O homem deve ser superior a consideração da mulher como sua esposa, irmã ou amante: estereótipos forjados pela tradição da modernidade.

Não é certo pretender abordar primeiro a questão do Estado antes da questão da família. Nenhum problema social grave se entende se abordamos estes aspectos de forma isolada. Um método muito mais eficiente é observar cada coisa dentro da totalidade para outorgar sentido a cada questão em relação com outras coisas. Este método também serve quando trata-

mos de resolver problemas. Analisar a mentalidade social sem analisar o Estado, analisar o Estado sem analisar a família e analisar a mulher sem analisar o homem produziria resultados insuficientes. É preciso analisar estes fenômenos sociais como um todo integrado, se não, as soluções às que chegaremos serão inadequadas.

A solução para todos os problemas sociais no Oriente Médio deveriam focar-se na questão da posição da mulher. O objetivo fundamental para a época em que estamos deve ser o desenvolvimento da terceira grande ruptura sexual, só que desta vez, contra o homem. Sem igualdade de gênero, nenhuma exigência de liberdade e igualdade tem sentido. De fato, a liberdade e igualdade não se conseguem se não se consegue a igualdade de gênero. O elemento mais permanente e completo da democratização é a liberdade da mulher. O sistema social é mais vulnerável devido a questão não resolvida da mulher; a mulher foi primeiro convertida em uma propriedade e, hoje em dia, em uma mercadoria, completamente, em corpo e alma. O papel que desempenhou a classe trabalhadora no passado deve ser assumido, agora, pela irmandade entre as mulheres. Assim, antes de que analisemos a classe, temos que ser capazes de analisar a irmandade entre as mulheres: isto nos permitiria chegar a uma compreensão muito mais clara das questões de classe e nacionalidade. A verdadeira liberdade da mulher só será possível se as emoções escravizantes, necessidades e desejos do esposo, pai, amante, irmão, amigo e filho se suprimem. O amor mais profundo da lugar aos laços de propriedade mais perigosos. Não seremos capazes de discernir as características da mulher se não podemos desenvolver uma crítica rigorosa do pensamento e dos modelos religiosos e artísticos relacionados à mulher que tem sido gerados pelo mundo e dominado pelos homens.

A liberdade da mulher não pode ser simplesmente assumida como consequência da obtenção da igualdade e liberdade geral da sociedade. Uma organização específica é fundamental, a liberdade da mulher deve ter a mesma magnitude que o seu fenômeno. Evidentemente, um movimento de democratização geral pode também proporcionar oportunidade para a mulher. Mas não trará democracia por si mesma. É preciso que as mulheres determinem seu próprio objetivo democrático e gerem a organização e o trabalho para poder realiza-lo. Para consegui-lo, para que a mulher se liberte a escravidão que está interiorizada, é fundamental definir de forma concreta o que significa liberdade.

12. Jineoljî: a ciência da mulher

A eliminação das mulheres das posições e das questões científicas nos obriga a buscar uma alternativa mais radical.

Em primeiro lugar, é preciso saber como vencer no campo ideológico e como gerar uma mentalidade libertária e natural contra a mentalidade dominante e ávida de poder do homem. Não devemos esquecer a submissão feminina tradicional não é físico mas, sim, social. Deve-se a uma escravidão arraigada. Por conseguinte, a necessidade mais urgente é a de superar os pensamentos e as emoções da submissão no campo ideológica.

Já que a luta pela liberdade da mulher se dirige ao campo político, deve-se ter em conta que este é o aspecto mais difícil da batalha. Se não se consegue o poder politicamente, nenhuma outra conquista será permanente. O triunfo político não implica começar um movimento estatista para a mulher. Pelo contrário, implica lutar contra as estruturas estatais, estatistas e hierárquicas, implica criar formações políticas que tenham como objetivo alcançar a sociedade democrática, igualitária e de gênero, ecologista e onde o Estado não seja elemento fundamental. Como a hierarquia e o estatismo não são facilmente compatíveis com a natureza da mulher, um movimento libertadora da mulher deveria esforçar-se em conseguir formações políticas anti-hierárquicas e não estatistas. O colapso da escravidão no cenário político só é possível se a reforma organizacional neste campo se desempenha com êxito. A luta política requer uma organização democrática e completa da mulher e da luta. Todos os componentes da sociedade civil, direitos humanos, governos locais e luta democrática deveriam estar organizados e avançados. Como no socialismo, a liberdade e a igualdade da mulher só podem conseguir-se por meio de uma luta democrática completa e exitosa. Se não consegue a democracia, tampouco se alcançará a liberdade e a igualdade.

As questões relacionadas com a igualdade econômica e social podem solucionar-se também com êxito por meio de uma análise do poder político e da democratização. Uma mera igualdade jurídica não significa nada sem políticas democráticas. Não contribuirá nada para a obtenção da liberdade. Se as relações de propriedade e poder que dominam e submetem à mulher não são derrotadas, tampouco se conseguirão relações livres entre a mulher e o homem.

Embora a luta feminista tenha muita facetas importantes, ainda tem um longo caminho que recorrer para superar e vender as limitações impostas à democracia pelo Ocidente. Tampouco tem uma

compreensão clara do que implica o modo de vida capitalista. A situação recorda a visão de Lenin de uma revolução socialista. A pesar do grande ímpeto e da vitória em muitas batalhas o leninismo finalmente não pode evitar realizar a mais valiosa contribuição da esquerda ao capitalismo.

O mesmo poderia acontecer com o capitalismo. As deficiências que debilitam suas batalhas e argumentos são: não ter uma base organizativa forte, a incapacidade para lograr um desenvolvimento completo de sua filosofia e das dificuldades relacionadas com o movimento da mulher militante. Pode que nem sequer seja correto chama-lo “o socialismo real de frente às mulheres”, mas nossa análise deste movimento tem que reconhecer que tem sido a medida más séria até o momento para chamar a atenção sobre a questão da liberdade da mulher. Destaca-se que só é a mulher oprimida do homem dominante. Porém, a realidade da mulher vai muito além da de ser simplesmente um sexo aparte, tem uma dimensão econômica, sexual e política. Se consideramos o colonialismo não só em termos de nação e país mas também em termos de grupos de pessoas, podemos definir a mulher como o grupo colonizado mais antigo. De fato, nenhum outro ser social experimentou um colonialismo tão completo de corpo e alma. Devemos compreender que a mulher se mantém em uma colônia que não tem fronteiras facilmente identificáveis.

Segundo o anterior, creio que a chave para a solução dos nossos problemas sociais será um movimento pela liberdade, igualdade e democracia da mulher, um movimento embasado na ciência das mulheres, chamada jineologî, em curdo. A crítica dos recentes movimentos da mulher não é suficiente para analisar e avaliar a história da civilização e da modernidade que quase fez com que a figura da mulher desaparecesse. Se dentro das ciências sociais apenas se incluem temas, questões e movimento de mulheres, isto deve-se a mentalidade hegemônica da civilização e da modernidade e às estruturas da cultura material.

Ademais, a mulher como principal elemento da sociedade ética e política, tem que desempenhar um papel crítico na formação de uma ética e uma estética da vida que reflete a liberdade, a igualdade e a democratização. A ciência ética e estética é uma parte integral da jineologî. Devido às suas importantes responsabilidades em vida não duvidará em fazer ambas as coisas, ser a intelectual e desenvolver praticamente processos e oportunidades. A conexão da mulher com a vida é mais completa do que a do homem, o que lhe

garantiu o desenvolvimento de sua inteligência emocional. Por conseguinte, a estética, no sentido de fazer a vida mais bela, é uma questão existencial para a mulher. Eticamente, a mulher é muito mais responsável do que o homem. O comportamento e o olhar da mulher respeito da ética e da sociedade política serão mais rea-

listas e responsáveis que os do homem. Por tanto, está bem dotada para analisar, determinar e decidir sobre os aspectos bons e maus da educação, a importância da vida e da paz, a maldade e o horror da guerra e as medidas do que é apropriado e justo. É por isto que seria apropriado incluir também a economia da jineologi.

13. A modernidade democrática: a era da revolução das mulheres

A liberdade da mulher desempenhará um papel estabilizador e igualador na formação da nova civilização e ocupará seu lugar em condições de respeito, liberdade e igualdade. Para consegui-lo, tem que se trabalhar à nível teórico, programático, de organização e implementação. “A realidade da mulher é um fenômeno mais concreto e analisável do que os conceitos como “proletariado” ou “nação oprimida”. O grau de transformação possível da sociedade está determinado pelo grau de transformação que consigam as mulheres. Da mesma forma, o nível de liberdade e igualdade da mulher determina a liberdade e igualdade de todos os setores da sociedade. Por isso, a democratização da mulher é decisiva para o estabelecimento permanente da democracia e da secularização. Para uma nação democrática, a liberdade da mulher tem também uma grande importância, já que uma mulher liberta constituiu uma sociedade livre. A sociedade liberta constitui uma nação democrática. Por outro lado, a necessidade de mudar o papel do homem é de uma importância revolucionária.

O amanhecer de uma era da civilização democrática representa não só o renascimento dos povos, mas, de forma mais específica, o auge da mulher. A mulher foi a Deusa criativa da sociedade neolítica, sofreu perdas reiteradas ao longo da história da sociedade de classes. Inverter esta história acarretará, inevitavelmente, transformações sociais mais profundas. A mulher, renascida para a liberdade, se somará à libertação, a ilustração e a justiça geral, em todas as instituições, desde às bases até a liderança da sociedade. Conquerirá a todos de que a paz, e não a guerra é mais valiosa e deve ser desejada e admirada. O triunfo da mulher é o triunfo de toda a sociedade e o do indivíduo em todos os níveis. No século XXI deve dar-se o despertar, a era da mulher liberta e emancipada. Isto é mais importante do que a libertação de classe ou a libertação nacional. A era da civilização democrática deve ser a era em que a mulher se levante e triunfe completamente.

É realista considerar nosso século como o século em que a vontade da mulher livre irá florescer. Por

isso é preciso estabelecer instituições permanentes para as mulheres e mantê-las durante, quem sabe, um século nelas. Necessitam-se Partidos para a Liberdade da Mulher. É vital, também, que se formem círculos e comunidades ideológicas, políticas e econômicas embasadas na liberdade da mulher.

As mulheres em geral, mas, especificamente as mulheres do Oriente Médio, são a força mais energética e ativa da sociedade democrática, dadas as características anteriormente descritas. A vitória final da sociedade democrática só será possível com a mulher. Os povos e as mulheres foram devastados pela sociedade de classes desde a Era Neolítica. Serão eles, como agentes fundamentais do progresso democrático, quem também formem a antítese necessária posicionando-se à esquerda da nascente civilização democrática. As mulheres são verdadeiramente os agentes sociais mais confiáveis no caminho em direção a uma sociedade libertária e igualitária. No Oriente Próximo, depende das mulheres e os jovens assegurar a antítese necessária para a democratização da sociedade. O despertar da mulher e o fato de ser a força social líder neste cenário histórico, tem um valor autêntico de antítese.

Devido as características de classe e das civilizações, seu desenvolvimento se embasou na dominação masculina. Isto é o que situa a mulher na posição de antítese. De fato, para derrotar e superar a divisão de classes da sociedade e da superioridade masculina, sua posição adquire o valor de uma nova síntese. Por conseguinte, a posição de liderança dos movimentos da mulher na democratização da sociedade do Oriente Próximo possui características históricas que fazem dela tanto uma antítese (pelo fato de desenvolver-se no Oriente Próximo) e uma síntese (a nível global). Este campo de trabalho é a obra mais importante que jamais fiz. Acredito que deveria ter prioridade sobre a libertação das pátrias e a libertação do trabalho. Se quiser ser um lutar pela liberdade não posso ignorar isto: a libertação da mulher é uma revolução dentro da revolução.

A missão fundamental da nova liderança é proporcionar o poder intelectual e a vontade necessária para conseguir os três aspectos cruciais para a consecução

ção de um sistema e modernidade democrática: uma sociedade que seja democrática, assim como ética desde o ponto de vista tanto econômico como ecológico. Para conseguir isto, deve-se estabelecer um numero suficiente de estruturas acadêmicas com uma qualidade adequada. Não é suficiente criticar o mundo acadêmico moderno, temos que desenvolver uma alternativa. Estas unidades acadêmicas alternativas devem ser criadas de acordo com as prioridades e necessidades em todos os campos sociais, tais como a economia e a tecnologia, a ecologia e a agricultura, a política democrática, a segurança e a defesa, a cultura, a história, a ciência e a filosofia, a religião e as artes. Sem um marco acadêmico forte os elementos da modernidade democrática não podem ser construídos. Os marcos acadêmicos e os elementos da modernidade democrática são igualmente importantes para conseguir o sucesso. A inter-relação é uma necessidade para obter sentido e êxito.

A luta pela liberdade (não só das mulheres, mas de todas as etnias de todos os setores da comunidade) e tão antiga quanto a história da escravidão e da exploração da humanidade. O desejo por liberdade é intrínseco à natureza humana. Aprendeu-se muito destas lutas, também daquela que viemos mantendo nos últimos 40 anos. A sociedade democrática coexiste com diferentes sistemas de civilização dominante. A modernidade democrática, o sistema alternativo ao capitalismo

moderno, é possível mediante uma mudança radical da nossa mentalidade e as mudanças correspondentes, radicais e apropriadas, em nossa realidade material. Estas mudanças devem ser criadas juntas.

Para terminar, gostaria de assinalar que a luta pela liberdade das mulheres deve desenvolver-se a través do estabelecimento de seus próprios partidos políticos, conseguindo um movimento popular de mulheres, construindo suas próprias organizações não governamentais e estruturas de políticas democráticas. Tudo isto deve ser trabalhado de forma simultânea. As melhores mulheres são capazes de escapar das garras da dominação masculina e da sociedade. As melhores serão capazes de viver e atuar de acordo com a iniciativa independente. Quantas mais mulheres sejam empoderadas mais recuperarão personalidade e identidades livres.

Por conseguinte, apoiando a ira das mulheres, o movimento de conhecimento e a liberdade são a maior exibição de camaradagem e uma prova de humanidade. Tenho plena confiança de que as mulheres, às margens das suas diferenças culturais e étnicas, todas as que tenham sido excluídas do sistema, triunfarão. O século XXI será o século da libertação das mulheres

Espero poder fazer as minhas contribuições, não só escrevendo sobre estes assuntos, mas ajudando à por em prática estas mudanças.

No dia 15 de fevereiro de 1999 o presidente do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), Abdullah Öcalan, foi entregue à República da Turquia após uma operação clandestina realizada por uma aliança de serviços secretos dirigidos pelos governos correspondentes (Mossad israelense, CIA norte-americana e o M16 britânico). Frente a esta ultrajante violação de direito internacional, diversos intelectuais e representantes das organizações civis, lançaram uma iniciativa para a libertação de Abdullah Öcalan. Com a inauguração de uma oficina de coordenação central em março de 1999, a iniciativa internacional “Liberdade para Abdullah Öcalan – Paz no Curdistão” começou o seu trabalho.

A iniciativa plurinacional se considera uma iniciativa de paz plurinacional que trabalha por uma solução pacífica e democrática da questão curda. Depois de longos anos de cativeiro, Abdullah Öcalan é ainda considerado o líder incontestado da maioria do povo curdo. Por tanto, a solução da questão curda na Turquia encontra-se intimamente ligada ao seu destino. Como principal arquiteto do processo de paz, está considerado por todas as partes e em todos os âmbitos,

como a pessoa chave para que tenha êxito e isto nos faz querer lutar pela liberdade de Öcalan, uma questão de crescente importância.

A iniciativa internacional comprometeu-se a conquistar este objetivo. Faz-se por meio da difusão de informação objetiva, exercendo pressão e mediante relações públicas, incluindo a organização de campanhas. Com a publicação das traduções dos escritos de Öcalan espera-se contribuir com a melhor compreensão das origens dos conflitos e das suas possíveis soluções.

Publicações de Abdullah Öcalan – Livros:

Declaração sobre a solução democrática à questão curda (1999). Escritos desde a prisão I: As raízes da civilização (2007). Escritos desde a prisão II: O PKK e a questão curda no século XXI (2011). Escritos desde a prisão III: o caminho para as negociações da Paz no Curdistão (2012). Guerra e Paz no Curdistão (2008). Confederalismo Democrático (2011).

Mais informações e traduções em outros idiomas: <www.ocalan-books.com>.

LIBERDADE PARA ÖCALAN!